ANNO V. — San'Luiz, Sabbado 3 de Março de 1866. — NUMERO 8.

A COALIÇÃO.

ASSIGNATURAS.
POR ANNO..... 10$000
SEMESTRE..... 5$000

Publica-se uma vez na semana. Subscreve-se na typ. do PROGRESSO.
Communicados, correspondencias e outras publicações, conforme o ajuste.
Annuncios a 50 reis a linha, e para os assignantes até 20 linhas gratis

ASSIGNATURAS.
POR TRIMESTRE..... 3$000
FOLHA AVULSA..... 200

LITTERATURA.

Terra á terra.

Começar sem principio, é cousa que ainda se não inventou; mas, principiar antes do começo, invento eu.

Fiel ao promettido, vae, de hoje em diante, sahir n'este logar o romance em commandita, que foi annunciado no ultimo *Terra-á-terra*.

Algumas palavras antes não são de todo desnecessarias. D'ahi (quem sabe?) talvez bem se podesse passar sem ellas.

Como já alguem disse, em latim de que me não recordo, que não prejudica aquillo que abunda, fique escripto o que está escripto.

Os autores d'este importantissimo trabalho não ambicionão louro e nem ouro

Sabem que um romance arranjado por tantos, sem combinação de vista e nem proposito anterior, não poderá ser o romance destinado a um grande fim social.

Mesmo, como obra artistica, elle não sahirá cousa muito apresentavel, por quanto as leis da esthetica são incapazes de reger escriptos, que por natureza são ephemeros e transitorios.

Esta extravagancia litteraria destina-se a servir de mero passatempo aos leitores em horas de lazer e de spleen.

Sendo diversos os collaboradores, o autor d'este preambulo acceita para si a responsabilidade dos máos capitulos; visto como, quanto houver de bom nos demais, não pode deixar de pertencer aos seus destinctos companheiros.

Demais, elle, armado de poderes papaes, ligou e desligou, coordenou e destranou os incidentes, e as paginas que lhe forão remettidas. A elle, pois, o desazo da urdidura e as asperesas que forem notadas nas respectivas soldas.

O publico é um personagem muito serio, e, por isso, sabe dar o devido valor aos romances philosophicos e humanitarios como os *Miseraveis*; aos estudos do coração humano como *René*, *Obermann* e *Werther*; ás sublimes indagações historicas e legendarias como ás obras completas do Walter Scott; e aos brilhantes trabalhos de imaginação dos Dumas, Sue e Paulo Feval.

Não se pode, portanto, servir um prato de tão máo sabor, ao publico, sem dar-lhe uma rasão, embora pouco plausivel.

Ora, essa rasão é, que este escripto não pode, não deve e não quer provar cousa alguma.

Compre, á vista d'isso, acceital-o tal como elle se apresenta; embora a arrogancia do capitulo inicial pareça indicar que vamos botar o mundo e o céu abaixo, como a escola coimbrã, do Sr. Antherio do Quental.

Malicias do autor das primeiras paginas, que julgou por essa forma comprometter os companheiros, que acceitarão, mas hão de sophisnar, a Constituição outhorgada no preambulo.

O espirito tambem gosta de *flaner*, ou *vadiar* para dizer em portuguez. Deixemos que elle se occupe n'estas bagatellas litterarias, já que nas regiões incoercivels e idéas não existem charutos, para matar o tempo:

Ditas estas palavras, começa a historia.

P. C.

A Casa da Cancelleira.

(Phantasia romantica.)

POR... MEIROS....

CAPITULO 1.º

(Servindo de programma.)

A LUZ.

Se um dia me viessem desejos de escrever um romance, faria em primeiro logar um auto de fé de todos os trabalhos dos meus antecessores e em seguida entregaria a pera inteirica da penna de ferro, montada de uma cerda de porco espinho, aos caprichos da imaginação, como se fôra pluma leve posta á corrida do ar, ou sensação amorosa confiada á constancia de uma menina de quinze annos. Sem uma ideia determinada, realisaria em uma quantidade maior ou menor de folhas de papel a mais gigantesca de todas as empresas humanas: crearia um ser sem principio, nem fim; uma imagem do infinito; uma representação do espirito increado; e diria em conclusão — eu, homem, formei a cauza primaria!

A quem me contestasse o merecimento da originalidade, responderia com a maior placidez de consciencia: no começo do viver da humanidade, segundo as uni veridicas tradições biblicas, a inveja fez de Caim um fratercida.

Até hoje o romancista tem sido um typo vulgar, sem exceptuar o venerando Goethe, que foi o mais vulgar de todos os confrades da seita. E necessario que, na transição do seculo enorme para o seculo enormissimo, algum feito assombroso se execute debaixo d'este sol, que nos allumia, mas que nem sempre nos ha de esclarecer; aos nossos vindouros a luz se escurecerá em uma bella manhan, como se nos apaga a lampada á mingua de oleo.

Não sei, se elles, os vindouros, continuarão a viver as escuras: parece que sim. A sciencia hypothetica dos homens ha de n'este ponto esbarrar na verdade. Centro irradiador de claridade, o sol é um immenso globo composto da ebulição de varios metaes; naturalmente só ha de todos os que existem na terra. Recentes observações, filhos da paciencia germanica, o demonstram com o auxilio de um simples apparelho sobre o qual se projectam e refrangem os raios solares.

Não ha ebullição, que possa ser perpetua; em se chegando a certo periodo da revolução dos seculos, o centro irradiador da claridade ficará resfriado; deste resfriamento resultará o ficar fôsco o disco luminoso; e, perdido o equilibrio pela extincção do calorico, o centro do engenhoso systema do Copernico despreender-se-ha, como um aerolytho, em demanda, a seu turno, de um centro, que jamais será encontrado; o enorme aerolytho fará uma viagem infinita, porque o espaço não tem limites.

Partindo do centro o rompimento das leis do equilibrio, as orbitas descriptas pelos satellites ficarão sem motivo de ser e elles acompanharão o centro desequilibrado, na mesma carreira vertiginosa atravez do espaço.

Sublime, oh quam sublime não ha de ser esse gravidar incessante de varios mundos extinctos, nas condições actuaes de sua existencia e convertidos em massas gigantescas, escuras e completamente mortas!

O romance do fim do seculo XIX ha de apresentar em si a consubstanciação de todas as maravilhas modernas, e dar um assignalado passo adiante; esta, como todas as ideas, já teve o seu precursor. Victor Hugo, cuja imaginação ainda se acha nas penumbras da verdadeira luz, deixa transparecer um raiosinho tenue e suave da sempiterna diva, nesse phantasiar do cavernume do *Great-eastern*, boiando nas ultimas ondas do mez de desembro de 1899, e do andar continuo dos individuos de nossa especie, acima da terra e dos mares, desde o mez de janeiro do anno novo de 1900. O exilado poeta, á medida que se vae approximando das auroras boreaes do seculo 20, vê a imaginação abrir-se ao superior influxo de um poder supremo, e phantasia, na *Concin dos raios e dos basques*, um extranho hyppogripho a que deu o apropriado nome de *Cavallo*, destinado á representar o genio desta nossa poesia de despedida no seculo expirante, e a ser o substituto laureado daquelle bruto sendeiro, creado pela imaginação acanhadissima dos gregos; sob a denominação, pouco harmoniosa de *Pegaro*, tendo por unico attributo significativo umas compridas azas, que o levavam muito vagarosamente das alturas do Pindo ás escabrosidades do Parnaso.

O hyppogripho francez já é uma soffrivel aspiração á realidade, que se procura attingir na arte moderna. Quando o monstro mysterioso passa, todos os homens de genio, levantando tocheiras immensas, agarram-se-lhe á garupa; o monstro corta de meio a meio o apocalypse; pallido e com a morte pregada no espinhaço, produz um eclipse de lua, estendendo as azas enfumaça-las; nas patadas que dá, observa rigorosamente a cadencia dos versos de Eschylo, que tal vez não fasse d'entre os gregos o mais aprimorado na medida, no rythmo e na risma. O monstro mysterioso relincha para o invisivel; chama as sombras em seu auxilio, e á este appello, responde o ceo terrivel com terriveis trovões; põe nos olhos dous formidaveis carbunculos; dompe com as patas o incommensuravel, e, em furiosa alegria, corcovéia, salta e escarva o chão. O monstro mysterioso, com o ventre nas nuvens, parte a galope, sem conhecer o somno, nem o sepulchro; enche-se de um implacavel amor, e, ainda que seja noite, noite — negra, o monstro segue o caminho, estremecendo de glorias e fazendo apparecer a luz por toda a parte; tudo transpõe elle: infernos, tumulos, precipicios, nadas, mentiras —, tudo por fim fazer reboar a pancada de seus tamancos no tecto dos soalhos!

E' assim o hyppogrypho francez; mas ainda é pouco. O romance moderno, se quizer valer e representar alguma cousa no mundo dos trabalhos recommendaveis, ha de sahir do circulo estreito da construcção de casas, á maneira do castor, que nem intelligencia, nem imaginação tem; e abrir as pernas por cima do mundo das lettras, assim como o Padre Eterno abre os braços e os estende sobre tudo quanto existe creado. No rosto, o moderno romance apresentará bonitos olhos, nariz judeu, bocca risonhamente accentuada, longas e frouxas barbas; na cabeça negros e compridos cabellos, que se debrucem sobre os hombros; no corpo, formas formidas de robusto patriarcha, envolto em fluctuante e comminda camisola.

Deste modo é que, em uma edicção da historia universal de Cesar Canto, em vi, ha muitos annos, a forma singularmente humana da cousa primaria, que, se parecida a suas mas perfeitas creaturas, não deixa de ser um homem de bom aspecto, devendo ter sido em sua mocidade um typo regular e agradavel, correspondente ao galanteador dos nossos salões. Quando por acaso o historiador italiano ser possa recusado em testemunho, em consequencia de seu demasiado philosophismo, temos ainda a imaginação insuspeita de todos os santos padres, de padres que não são santos, e de prophetas, que nem padres, nem santos são, todos os quaes comprazem-se de nos apresentar a causa primaria sob a mesma forma, que ao edictor da historia universal aprouve dar-lhe.

Estes são principios, enunciados com a fé viva da mais fervorosa crente, constituem os rudimentos legitimos da nossa esthetica. A sciencia, a que nos tantos espiritos de imitação e acanhamento tornaram conhecida, sob esta denominação, carece de uma inteira mudança.

O bello não existe na natureza, nem pode existir nas artes, que tem sido uma imitação mais ou menos servil daquella; a natureza é chata, monotona, uniforme; compõe-se de linhas, que são sempre as mesmas na sua multiplice reproducção, variando conforme as especies e modificando-se, segundo a diversidade dos seres; as cores as mesmas são tambem, fixas, constantes, inalteraveis; as extensões, as larguras e as profundidades apresentam o mesmo aspecto de regularidade, que se diz sabia e admiravel

O bello é o nada; é a auzencia de tudo; de linhas como de cores, de simplices formas como de complicadas animações. O bello é o que não existe, existindo; é esse prodigio que não se vê, que se não sente, que se não apalpa, mas que se levanta augusto na immensidade dos seculos. O bello não tem voz e falla; falla do modo maravilhoso, sem palavras, sem conjugações de verbos, sem regras de concordancia e de regencia. O bello é a escuridão, que allumia, espargindo clarões em massas enormes de perfeitas trevas. O bello é a purissima harmonia, que se não ouve, mas que resoa aos nossos ouvidos como accentos musicaes, que nos deleitaram n'um sonho, e de que depois nos não lembramos, affirmando comtudo a sua existencia.

O bello é o amor que nunca teve objecto, nunca encontrou um gozo, nunca se revelou a ninguem. O bello é o nada, em fim; é a sublimidade do principio e do acabamento de todas as cousas.

Feito o esbaço da nova esthetica, o estudio permanece aberto á reunião dos adeptos. E' preciso comprehensão clara dos principios assentados; convicção profunda na verdade que elles exprimem; vontade forte na execução.

Quem nos quizer acompanhar nesta romagem extranha ponha-se á nossa dextra e siga-nos. Para os leitores deste livro está expressa a nossa profissão de fé e derramada em grande abundancia a verdadeira luz.

Flavio Reimar.

—

CAPITULO 2.º

MAIS LUZ.

—Pois, se o amor morreu, viva o amor! Que melhor desfeixo para tão extravagante paixão?

—Americo!

—Boa duvida! Se Clara, o pudibundo serafim, derreteu as asas; se o botão de rosa abrio se camelia, viva Adelaide, a tua segunda amarra!

—Americo!

—Realismo, meo caro. Abaixo Werther e o vaporoso! Crê, á menos que não sejas algum poeta incomprehendido, como é moda hoje ser-o; á menos que não tenhas tambem o vago na alma, como por ahi se diz; o desenredo destes amo-

res sublimes não poderá nunca ser de outra maneira.

—Americo!

—E' a terceira vez que pronuncias o meu nome com uma entonação solemne!

E' justo que, depois da advertencia do nobre interruptor, eu diga algumas palavras ao leitor, que até agora espera pela apresentação da pragmatica.

Americo é um homem collocado entre as duas balisas, que Diogenes e Platão deixarão, para modelo dos diversos representantes do sexo masculino.

Nem perfeito e ignoto como o do mysantropo cynico; nem vulgar e *gabo depenado*, como o do sublime idealista.

Figura como a de todos; interior como o de alguns. Da cintura até os sapatos, calças e pernas; da cintura até o pescoço, corpo e sobrecasaca.

Quanto a phisionomia, ninguem se cance em procurar na cara de cada um, o que elle possa ser, da cara para dentro. Nas phisionomias, o mais que podeis com verdade conhecer, é quem tem o nariz mais ou menos comprido. Ora o Sr. Americo fazia-se preceder de um nariz.

Quanto a cabeça, era boa e bem mobiliada. E tanto, que, quando Carlos perdia, como sempre, á dellle, o amigo reconduzia-o a razão, emprestante-lhe a sua. Quanto ao mais, chacoteador e novelleiro, observador e quasi philosopho.

Carlos, o amigo, era um rapaz sentimental no fundo e na forma.

Coração de pomba-rola; feições de *agnus dei*.

Doçura nas entranhas, e na figura ainda doçura.

Amoroso por natureza e por profissão. Uma adicção mais ou menos correcta de todos os primeiros galans da escola romantica. Afora a capa e a espada: *Manrico, il trovatore*. Ouçamol-o:

—Mas, nem ao menos queres que eu me amofine, entre estas quatro paredes e sem testemunhas?

—Amofinares-te! Clara ou Adelaide? Guarda a amofinação para quando ficaves sem nenhuma . .

—Esse conselo não é máo!

—E' excellente para o homem de juizo. Olha que todas as mulheres se parecem, como um ovo com outro ovo....

—Deixa-te de maximas e cessa de fallar sobre esse assumpto. Já te disse: serei de marmore ante a perda das minhas esperanças.

—N'esse caso continuo a fallar, por que não acho escorregadio o terreno, uma vez, que já nem sentes resaldos da grande paixão, que, ha dous dias, tanto soneto te custava. . . . .

—Pois, fala; eu dar-te-hei a mais robusta prova de indifferentismo, ouvindo tudo quanto disseres á respeito.

—Bravo! é a imperturbabilidade de Guatimozim sobre a grelha, ou a de S. Lourenço em identica posição. Escuta; quero remexar de alto á baixo essa ferida, até convencer-me de que ella não doe. Estive, ha pouco, com a divina esquiva. . . .

—Teo proveito.

—Julgas? Pois não tive nenhum? não colhi um só, em todo aquelle jardim edenico de amabilidades. Que sorrisos! que olhares! que maravilhas!

—Meo Americo, se não sabes fazer o teo panegyrico senão com pontos de admiração, desiste do genero.

—E o que heide dizer que já não tenhas dito nos teos alexandrinos, e parelhas rimadas? Pois atiro me ao classico. O sorriso de Hebe, os labios de Atalanta. . . .

Isso! Deixa que o velho Parnaso contribua, e assim esboçarás melhor o teo quadro.

—Os olhos da Anadyomene, e os braços, os bellissimos braços de Leda, que um vaporoso tecido menos cobria que desvendava . . .

—Um tecido de vento, *ventum textilem*, como diz Petronio; já que andas pelas idáes mytologicas.

—Pois, tu tens a calma preciza para recordares o teo latim? Es um barbaro!. . . .

—Pensei que eu fosse cousa muito peior.

—Falei-lhe de ti, ouvio-me falar; quiz ouvil-a e. . . . ella não falhou.

—Diz-me uma couza; nunca tiveste tambem a tua rasão de amores? Responde-me sem exordio e como Cicero contra Catilina.

—Não acceito a condicção. Direi alguma couza de preambular e preparatoria, que é isso o meu fraco. Socega, porém, que não me remontarei até o deluvio.

—Falla.

—Antonio de Castilho chama de, *planta nascida entre penedos*, ao mortal que não sentio latejar-lhe o coração em presença ou na auzencia de uma filha de Eva qualquer. Não sou essa planta, porque sou o animal que já foi; o animal que ama, como um grande espirito definio o homem. Mas, o amor, de quem se pode dizer o mesmo que do superfluo—*chose tres necessaire*—precisa ser tomado a tempo e com regra, para que o animal—homem não seja o mais infeliz de todos os animaes . .

—Continuo a ter a minha interrogação pendente dos labios.

—Encolho os labios e continúa a escutar-me. Quando estive em Pernambuco, ha 5 annos, foi atacado do mal. O caso era serio, ninguem respondia por mim. Doente, desamparado até dos socorros espirituaes, teria de ser inmolado, sem escapar intacta nem a alma. Foi no anno III, depois da introducção do balão e do vestido candato. O pé ainda não tinha passado para a cathegoria de belleza secreta; andava patente, como o nariz e os olhos; não era uma especie de favor, que mysteriosamente se nos concedia, a vista de um par de botinas, convenientemente calçadas em pés de sylpho. . . .

—Vou reiterar a minha pergunta. . .

—Torno a te intimar silencio e prosigo. As reflexões philosophicas muito lorão demasiadas, no desenvolvimento de uma questão de toilette. Já não ouviste o Alencar dizer, que as roupas são a segunda epiderme da mulher? Estarás muito a teu commodo, vendo o abuso da moda, que parece di-posta a dar molde diverso, que o primitivo, ás mais lindas feiteras do Senhor? O que é o balão?

—Respondo-te como o Pinheiro Guimarães:

«Empavesada não onde navega,
«A' todo panno a feminil vaidade.»

—E quem nos fará voltar aos antigos dias do bom gosto, em que o pé era patente sob os folhos do vestido; dias, nos quaes o tronco da mulher não andava envolvido na gravata, no colete e na sobrecasaca até! O que resta da mulher vestido o paletot?

—Consente, que eu não saiba responder a essa interpellação.

—O paletot! Já viste cousa mais medonha! A peior das encadernações a que reduzião o homem, transplantada agora para o feminino!

—Estás me fazendo um capitulo semelhante áquelle de Montaigne, sobre *botas*, e no qual se falla de todo menos de botas. Onde está o teu amor?

—Já lá vou por entre o paletot e toda essa rouparia. Para que vestir a innocencia? Para que admirar a roda da crinolina, quando se pode pasmar ante as ondulações do contorno insubjugavel? Para que louvar a luva, quando se pode beijar a linda mãosinha? *N'habillez jamais l'innocence*, já disse um grande pensador. . . .

—Mas. . . .

—Mas, com toda essa exuberencia de vestimentas, eu a vi em Pernambuco, ha 5 annos. Conjugamos o verbo *amar*, em diversos tempos e por diversos modos. Tudo serião flores, se ella não tivesse o pae, que tinha, e d'ahi data o tragico da minha anacreontica aventura.

—O tragico!

—Quero dizer, o comico-triste. O patriarcha, que eu desejava fazer meu sogro, encontrou-se comigo um dia, e convidou-me para assistir ao casorio de sua filha Julia. Era ella. A voz do patriarcha era uma risada, ao fazer-me esse convite. Eu perdi a falla, engasguei, tossi e corri para casa. Escrevi á Julia uma carta, capaz de fazer damnar o proprio Abailard. Nada de resposta. Nova epistola e com um *post-scriptum* tetrico e pavoroso; nem assim! Passei á tarde pela sua janella; ella me viu e corou. Corou! nem tudo está perdido, disse eu como aquelle sabio. A sua casa era terrea e na volta eu pude murmurar estas palavras, de maneira a ser escutado: como é isto! pois vai casar-se? E lagrimas . . Ella deu-me com a janella nas ventas e chamou o pae. . . .

—Diabo! a causa complica-se.

—E' certo; o velho appareceu, e appareceu risonho; eu fiz-lhe uma barretada e tomei uma grande resolução. Entrei. Sem preambulos, sem lovas e sem casaca, pedi em casamento a filha do venerando patriarcha. Noivo por noivo, elle preferir-me-ha, por causa do amor, murmurei eu. O velho fez uma cortezia, tomou uma pitada, alimpou os oculos e chamou a filha. Depois de fazer a exposição do meu pedido, elle accrescentou sorrindo, que estaria pela vontade della, se por ventura eu merecesse a predilecção.

—Optimo!

—Parece-te? Tive um *não* redondo, sem commentarios, nem glosas, e duas cortezias de despedida. . .

—Que historia é essa que me estás contando? Quem lá comprehende isso?

Foi o que me succedeu; de louça nem um pires! Vi tudo as escuras, até o momento em que lobriguei o preferido, que entretanto não era o amado. . .

—E quem era elle?

—Chega aqui á janella, Carlos, e olha para a casa da esquina. . .

Carlos levantou-se e foi a janella. Americo perguntou-lhe:

—Conheces o dono daquella casa?

—O commendador Neves?

—Sim; o grande capitalista, que codilhou o teu Americo, sem capital.

—Ora essa!

—Duas horas depois, eu ria-me de mim, do noivo e da sublime e muito sensata diva. . . .

—Sublime e sensata!

—Que duvida? deixa que o adjectivo vá com o substantivo; mesmo por que ella corou-me para sempre! Hoje tenho niolos no coração. Estou vaccinado e zombo das epidemias a que estás sugeito, e das Claras que te apoquentão.

—Inda insistes, quando te digo que esse episodio está consumado?

—Se insisto! Olha, quem entra na casa do Neves.

Carlos deu um pulo, exclamando:

—Clara! Espera um pouco.

E sahio, emquanto Americo o seguio com um riso, que era mais amarello que encarnado.

Pietro de Castellamare.

PUBLICAÇÕES PEDIDAS.

CAROLINA.

A advocacia dos Srs. Dr. Antonio de Aguiar e Silva e Collatino Cidronio Tavares da Silva.

Este jogo de Silvas corridos—o 1.º da capital e da villa do Codó onde dizem ser processado por um crime policial — carregado de dividas; e o 2.º tambem da Theresina aonde se desconfia ser considerado complice nos assassinatos do capitão Guardiano e filho, do Caxias aonde esteve preso por crime de injurias verbaes irrogadas ao juiz, da Passagem Franca e Pastos Bons aonde por seus maus comportamentos não poderão continuar a advogar, e vierão carregados de debitos aventurar sobre as inexperiencias e ignorancias dos homens dos sertões desta comarca, afixando emfim suas residencias nesta cidade, e com quanto nunca se tivessem visto, logo se união e estabelecerão o jogo jezuitico para apparecerem demandas afim de tirarem seus injustos honorarios e assim ostentarem o luxo e impostura. O primeiro, como mais provecto no manejo da illusão, na villa da Chapada onde lhe foi tomado um escravo alcia que acoutava em sua companhia, nenhum mal pode occasionar aos habitantes, porque o major Francisco de Araujo Costa não consentio, fazendo aviso para ninguem acreditalo, porque já sabia da pessima conducta do Sr. Aguiar, mas não pode prever que elle fizesse uma correspondencia, instigando ao coronel Amaro Baptista Bandeira contra o Sr José Joaquim Severino para vê-los brigar no fóro, e elle tomar a defesa de um dos ricos contendores. Ainda não satisfeito no seu degresso, instigou a Alexandre Gonçalves da Silva para demandar ao coronel dando muitos *aireitos* e até segundo se diz offerecendo-se para advogar a favor—mas vendo que o coronel era mais rico, e tinha melhores dados, offereceu-se a este para defende-lo gratuitamente, mas com o fim de chuxar pitada maior!

Chegando o Sr. Aguiar a esta cidade com ár de juvididade foi jogando de forma que o collega Collatino, incalcando-se João do Rego Falcão, tio de sua mulher, pude ajustar-se advogado de Alexandre G da Silva e sem habilitar a mulher em forma legal, tentou a questão exigindo duas mil cabeças de gado ou 20:000$000. Agitada esta demanda, Aguiar fez o coronel dar duas queixas crimes contra José Joaquim Severino para o amigo Collatino advogar a favor deste, e já exultavão de contentes, com a mira na pitança de não poucos contos de reis, mas não durou esse jubilo porque os rabulas de aldeia fizerão estes contendores comporem-se e assim ficarão as esperanças frustadas.

O coronel conhecendo nessa occasião que o Aguiar jogava de mãos dadas com o Collatino, para o comprometterem, despediu-se do jezuita Aguiar, que segundo seus movimentos ajudava o collega a manobrar a causa contra o mesmo coronel!!! Ainda assim não ha probabilidade senão de que estes cavalheiros de industria venção a causa que hoje está sendo arrasoada por elles, visto como não ha prova em que se firmem. Collatino, considerando-se cada vez mais perdido, soccorre-se agora á chicana de averbar de suspeito o Juiz que tem de sentenciar a causa—o Tenente Coronel José Joaquim da Silva, arguindo, primeiro que é alimentado pelo coronel, segundo que deve ao mesmo grande somma de dinheiro, terceiro que ainda não prestou juramento do seu posto de Tenente Coronel, porque quer sentenciar a causa contra elle por ser amigo intimodo referido coronel Mas tudo isto é para vêr se o exercicio de Juiz Municipal recahe em algum dos vereadores que elle domina, como Presidente da Camara, com o fornecimento de normas que dá, iguaes as que ministra ao Procurador da mesma Camara para figurar de Advogado della, tendo o Sr. Collatino quasi todo o ordenado que a camara creou para se dar a seu Advogado, o quase analphabeto Serafim de Oliveira e Silva, porque esses Vereadores, que inexperientes assignão todas as decisões, da forma que quer o Presidente nos negocios da Camara, não se negão tambem a julgar-lhe a causa a seu bel prazer em detrimento do direito que